

AS EXPERIÊNCIAS ANESTÉSICAS NA MODERNIDADE: um estudo dos romances de Aldous Huxley

Cláudio Marcos VELOSO JÚNIOR¹

RESUMO

Abordagem a respeito de experiências anestésicas é frequente nos estudos de Walter Benjamin. Benjamin expõe esse assunto em seus estudos por procurar retratar que as experiências anestésicas são recorrentes na modernidade e que elas ocorrem por meio do uso de substâncias químicas. Com base em Benjamin, o presente estudo tem por intento analisar as obras de um escritor que se situam na modernidade procurando evidenciar como a temática do uso de drogas está presente em seus textos. O escritor em questão é Aldous Huxley. O presente artigo passará por dois momentos. O primeiro momento dedica-se a fazer um levantamento a respeito da visão de Walter Benjamin sobre as experiências anestésicas e o segundo momento faz uma análise das obras **Admirável mundo novo**, publicado em 1932, e **A ilha**, publicado em 1962, de Aldous Huxley.

Palavras-Chave: Walter Benjamin. Aldous Huxley. Modernidade.

1 INTRODUÇÃO

Walter Benjamin aborda em diversos de seus escritos a respeito de experiências anestésicas. Entre essas experiências está o uso de substâncias narcóticas. O intento de Benjamin ao fazer tal abordagem é o de justificar que as experiências anestésicas, principalmente o uso de drogas, é algo recorrente na modernidade. Tanto que é por esse contexto que Buck-Morss (1996, p. 26) afirma que “o vício em drogas é característico da modernidade”. Cabe ressaltar que as substâncias utilizadas nesse período não eram denominadas de drogas, mas sim eram consideradas como algo parte da cultura. Aldous Huxley (1959, p. 106), em um de seus ensaios, relata que a utilização de drogas é algo recorrente em diversas sociedades pelo fato de muitas delas, como o chá, o café e o mate, serem inofensivos.

Com base nos estudos de Walter Benjamin (1987a, 1987b, 1995) e apontamentos realizados por Susan Buck-Morss (1996), o presente estudo tem por intenção debater

¹ Graduado em Letras Português/Inglês e respectivas literaturas (2012) pela Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Paranaguá (Fafipar), especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa (2014) pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER), mestrando em Letras – Estudos literários na Universidade Estadual do Paraná (UEL). **E-mail:** claudio-veloso@uol.com.br

como as experiências anestésicas, assim como o uso de substâncias narcóticas, estão presentes na modernidade e como esse aspecto está inserido nas ficções literárias. Para isso, o estudo irá fazer uma análise de duas obras de um escritor desse período.

O primeiro momento desse estudo dedica-se totalmente a expor a respeito das experiências anestésicas inseridas na modernidade. Em seguida, serão analisadas as obras **Admirável mundo novo** e **A ilha**, ambos escritos por Aldous Huxley (2009, 1971). Nessa análise procura-se expor como a temática do uso das drogas é inserida nessas duas ficções e qual é a função social que esses narcóticos possuem nas sociedades que estão inseridas.

2 AS EXPERIÊNCIAS ANESTÉSICAS NA MODERNIDADE

O uso de substâncias narcóticas tornou-se uma característica na modernidade devido à necessidade dos sujeitos em ter experiências anestésicas. Buck-Morss (1996, p. 22) explica que Benjamin sustentava que a experiência gerada no campo da Primeira Guerra Mundial passou a ser a norma na vida moderna e, com isso, “percepções que antes suscitavam reflexos conscientes são agora fonte de impulsos de choque dos quais a consciência se deve esquivar”. (BUCK-MORSS, 1996, p. 22). Com isso, o uso de substâncias narcóticas está presente nesse contexto pelo fato de os sujeitos poderem por meio do uso delas obter experiências anestésicas que permitem esquivar de reflexos conscientes.

Buck-Morss (1996, p. 24-26) aponta que essas experiências deram-se início no século XIX:

A anestésica torna-se uma técnica sofisticada na segunda metade do século dezanove. Enquanto as defesas auto-anestésicas do corpo são largamente involuntárias, esses métodos envolviam a manipulação consciente e intencional do sistema sinestético. Às já existentes substâncias narcóticas da época iluminista, café, tabaco, chá e álcoois, acrescentou-se um vasto arsenal de drogas e práticas terapêuticas, do ópio, éter e cocaína à hipnose, hidroterapia e choque elétrico. (BUCK-MORSS, 1996, p. 24).

Em **Imagens do pensamento**, Benjamin (1995) expõe a respeito de sua experiência pessoal com uma dessas substâncias narcóticas. A experiência de Benjamin foi com o haxixe:

Marselha, 29 de julho. Às sete da noite, depois de longa hesitação, tomei haxixe. Durante o dia estivera em Aix. Deito-me na cama com certeza absoluta de que, nesta cidade de centenas de milhares de habitantes, onde ninguém se conhece, não poderei ser perturbado. (BENJAMIN, 1995, p. 249).

O estudioso relata a respeito do efeito dessa substância:

Um dos principais indícios de que o haxixe começa a fazer efeito ‘é um obscuro sentimento de apreensão e angústia; algo de estranho, de inevitável se aproxima... Surgem imagens e sequências de imagens, recordações sufocadas há tempos; tornam-se atuais cenas e situações inteiras, suscitando em primeiro lugar interesse, às vezes prazer. (BENJAMIN, 1995, p. 248).

Um dos aspectos sobre o haxixe exposto por Benjamin (1995, p. 249) é que, com ele, “a sensação de solidão se desfaz rapidamente”. Analisando os dizeres de Benjamin, constata-se que a intenção dele é demonstrar que as pessoas estão em um estado de solidão na modernidade. Outro aspecto que leva ao uso de substâncias narcóticas é a necessidade de preencher o vazio que há nos indivíduos da modernidade.

Buck-Morss (1996, p. 25) expõe que “a ‘principal’ de todas as drogas usadas para a ‘exaustão nervosa’ era o ópio”. Benjamin (1987a, p. 23) cita que “Lenin chamou a religião de ópio do povo”. Ao transpor a ideologia de Lenin, Benjamin (1987a) coloca a religião como uma espécie de experiência anestésica utilizado pelo povo. Ele ainda relaciona a religião com outras substâncias:

A superação autêntica e criadora da Iluminação religiosa não se dá através do narcótico. Ela se dá numa iluminação profana, de inspiração materialista e antropológica, à qual podem servir de propedêutica o haxixe, o ópio e outras drogas. – Mas com grandes riscos: e a propedêutica da religião é a mais rigorosa (BENJAMIN, 1987a, p. 23).

Benjamin (1987a, p. 23) ainda destaca que é a partir dessa necessidade do indivíduo em obter experiências anestésicas é que irá surgir o Surrealismo. Entretanto, a sinestesia criada pelo Surrealismo é diferente das outras drogas, pois se concretiza por meio do uso da linguagem. Sobre o Surrealismo, Benjamin (1987a, p. 23) reflete:

Quem percebeu que as obras desse círculo não lidam com a literatura, e sim com outra coisa – manifestação, palavra, documento, bluff, falsificação, se se quiser, tudo menos literatura -, sabe também que são experiências que estão

em jogo, não teorias, e muito menos fantasmas. E essas experiências não se limitam de modo algum ao sonho, ao haxixe, ao ópio. É um grande erro supor que só podemos conhecer das ‘experiências surrealistas’ os êxtases religiosos ou êxtases produzidos pela droga. (BENJAMIN, 1987a, p. 23).

Insere-se também na modernidade a auto-alienação. Benjamin (1987b, p. 196) reflete a Primeira Guerra Mundial foi uma das colaboradoras para que a auto-alienação ocorresse. Benjamin (1987b, p. 196) coloca que ela “atingiu o ponto que lhe permite viver sua própria destruição como um prazer estético de primeira ordem”.

Em outro momento, Benjamin (1987b, p. 180) expõe que as inovações tecnológicas foram outra contribuidora para a auto-alienação:

Com a representação do homem pelo aparelho, a auto-alienação encontrou uma aplicação altamente criadora. Essa aplicação pode ser avaliada pelo fato de que a estranheza do intérprete diante do aparelho, segundo a descrição de Pirandello, é da mesma espécie que a estranheza do homem, no período romântico, diante de sua imagem no espelho (BENJAMIN, 1987b, p. 180).

Dentre as inovações tecnológicas situa-se o cinema. Esse, por sua vez, também serve como experiência anestésica, a ponto de Benjamin (1987b, p. 190) o posicionar como uma forma de psicose em massa:

O cinema introduziu uma brecha na velha verdade de Heráclito segundo a qual o mundo dos homens acordados é comum, o dos que dorme é privado. [...] Se levarmos em conta as perigosas tensões que a tecnificação, como todas as suas conseqüências, engendrou nas massas – tensões que em estágios críticos assumem um caráter psicótico -, percebemos que essa mesma tecnificação abriu a possibilidade de uma imunização contra tais psicoses de massa através de certos filmes (BENJAMIN, 1987b, p. 190).

Com base nisso, Buck-Morss (1996, p. 12), reitera que no período da modernidade a política enquanto espetáculo se tornou algo comum e se posiciona que ao Benjamin relatar sobre as inovações tecnológicas, ele “está dizendo que a alienação sensorial se encontra na origem da estetização da política, a qual o fascismo não cria, mas apenas ‘manipula’”. (BUCK-MORSS, 1996, p. 12).

3 OS ELEMENTOS NARCÓTICOS NAS OBRAS DE ALDOUS HUXLEY

Aldous Huxley, escritor inglês, modernista, insere, em diversas de suas obras, a

temática do uso de substâncias químicas. Entre suas obras, o ensaio **As portas da percepção** tem destaque por tratar-se de um texto em que Huxley narra sobre a experiência vivenciada por ele mesmo com o uso da Mescalina, substância narcótica natural. Os romances desse escritor que mais acentuam a temática do uso de substâncias químicas são **Admirável mundo novo** e **A ilha**. O estudo irá se focar na análise desses dois romances.

Publicado em 1932, **Admirável mundo novo** projeta uma sociedade totalitária distópica com aparência utópica. A Enciclopédia Barsa (1973, p. 414) coloca que a utopia representa um “sistema de pensamento político que espera ou promete para o futuro um estado de felicidade geral, graças a uma nova organização da sociedade, das instituições políticas e das relações econômicas”. (ENCICLOPÉDIA Barsa, 1973, p. 414). Backzo (1989) reflete que o termo utopia começou a ser utilizado com o livro **Utopia**, de Thomas Morus. Essa obra é totalmente descritiva, sendo a intenção dessa descrição é de configurar **utopia** como um local ideal, onde os indivíduos, que lá habitam, vivem de forma igualitária e em harmonia. Backzo (1989) afirma que por influência dessa obra que o termo **utopia** começou a ser inserido nos dicionários e enciclopédias para designar a representação de uma civilização ideal e essa a influência perdura até hoje. O termo distopia

caracteriza-se pela antevisão de um lugar imaginário onde reinaria o caos, a desordem, a anarquia, a tirania, ao contrário do paraíso cristão ou dos mitos de felicidades eterna, cidade do sol, ‘shangri-la’, eldorado, xanadu, terra de maravilhas, arcádia, país de cocanha (MOISÉS, 2004, p. 129).

A distopia é o contrário de utopia. Enquanto a utopia expõe o lugar perfeito, feliz, pacífico e a igualdade, na distopia procura apresentar um cenário que se reina o caos, o medo, a desigualdade, a alienação.

A aparência utópica em **Admirável mundo novo** existe por ser narrada uma sociedade projetada no futuro, aproximadamente no ano de 2.495, que não se submete a conflitos e que tem os valores, integrados por ela, aceitos pela massa. No entanto, ao decorrer da narrativa, fica evidente ao leitor que não se trata realmente de uma utopia – o que a torna uma falsa utopia – pelo fato de serem englobadas, a essa sociedade, indivíduos que são manipulados a crerem em determinados valores, a exercerem funções sociais estabelecidos antes mesmo de eles nascerem e obrigados a praticar certas

atividades impostas pela sociedade.

Os indivíduos da sociedade representada por esse romance utilizam uma substância nomeada de Soma. O uso dela é uma das atividades que imposta para os sujeitos realizarem. Essa droga age de forma que deixa quem o utiliza com uma sensação de conforto e uma leve perda de memória. O soma é um elemento utilizado para manipular as pessoas, pois ela auxilia a reiterar nos indivíduos a ilusão de felicidade:

Atualmente, tal é o progresso, os velhos trabalham, os velhos copulam, os velhos não têm um instante, um momento de ócio para furtar ao prazer, nem um minuto para se sentarem a pensar; ou se, alguma vez, por um acaso infeliz, um abismo de tempo se abrir na substância sólida de suas distrações, sempre haverá o soma, o deliciosa soma, meio grama para um descanso de meio-dia, um grama para um fim de semana, dois gramas para uma excursão ao esplêndido Oriente, três para uma sombria eternidade na Lua; de onde, ao retornarem, se encontrarão na outra margem do abismo, em segurança na terra firme das distrações e do trabalho cotidiano (HUXLEY, 2009, p. 100).

As personagens descritas na obra **Admirável mundo novo**, independente da classe social, ao se depararem com qualquer conflito ou se sentirem em um estado espiritual de depressão, ingerem o soma. O uso dessa droga serve para escapar de seus problemas. Dessa forma, os indivíduos não conseguem ficar sem utilizá-lo. O uso dessa droga ocorre diariamente, criando uma certa crise ao não ser ingerida:

– Mas é terrível – murmurou Lenina – É espantoso. Não devíamos ter vindo aqui. Tateou no bolso À procura do soma – e só então descobriu que, por um descuido sem precedentes, deixara o vidro na hospedaria. Os bolsos de Bernard também estavam vazios. Não restava a Lenina senão afrontar, sem socorro exterior, os horrores de Malpaís. Estes se abateram sobre ela, abundantes e rápidos. (HUXLEY, 2009, p. 178).

Com isso, o soma evita conflitos sociais e ameniza as dores cotidianas que o modo de vida dos sujeitos cria. Ele ainda tem a função de combater a solidão. Dessa forma, essa substância age da mesma forma que Benjamin (1995) descreveu o haxixe. Ao ser ingerido em grandes doses, o Soma cria alucinações:

Lenina, depois desse dia cheio de coisas estranhas e de horrores, sentia-se com direito a um descanso completo e absoluto. Mal chegaram à hospedaria, tomou seis comprimidos do meio grama de soma, deitou-se na cama e ao cabo de dez minutos vagava numa eternidade lunar. Passar-se-iam pelo menos dezoito horas antes que voltasse ao mundo real (HUXLEY, 2009, p. 221).

Aldous Huxley (1959), em um de seus ensaios sobre a obra **Admirável mundo novo**, faz algumas comparações entre o Soma e as drogas existentes na nossa sociedade. A primeira comparação feita por Huxley (1959, p. 104) tem como base o que Benjamin (1987a) explanou que, para Lenin, a religião é o ópio do povo. O romancista coloca que em

Admirável Mundo Novo, a situação inverte-se. O ópio, ou antes, o Soma, era a religião do povo. Como a religião, a droga tinha o poder de consolar e de compensar, criava visões de outro mundo, de um mundo melhor, dava esperança fortalecia a fé e promovia a caridade. (HUXLEY, 1959, p. 104-105, grifo do autor).

Nota-se que Huxley iguala o Soma ao ópio. Além disso, devido ao poder de criar alucinações, Huxley também irá comparar o Soma com a droga *LSD*:

Com o LSD-25 – dietilamida do ácido lisérgico –, os farmacologistas criaram recentemente com outro aspecto do Soma – um intensificador da percepção e um gerador de visões, que é, fisiologicamente falando, quase inofensivo. Essa droga extraordinária, que é eficaz em doses tão pequenas como cinquenta ou até vinte e cinco milionésimos de grama, tem a virtude – como o pexote – de transportar as pessoas para um outro mundo. Na maioria dos casos, o outro mundo a que o LSD-25 dá acesso é celestial (HUXLEY, 1959, p. 108).

Outra forma de alucinação em **Admirável mundo novo** é por meio dos cinemas sensíveis. Esse termo é utilizado na sociedade de **Admirável mundo novo** para designar ao local onde os indivíduos assistem filmes que lhe impulsionam a aguçar seus sentidos. Assim como o Soma, o cinema sensível procura transferir aos indivíduos sensações de prazer. Por meio do cinema sensível, os indivíduos vivenciam sensações como se fossem realidade, entretanto as percepções são totalmente sintéticas:

– Você vai ao Cinema Sensível hoje à noite, Henry? – perguntou o Predestinador-Adjunto – Ouvi dizer que o novo filme do Alhambra é magnífico. Há uma cena de amor sobre um tapete de pele de urso; dizem que é maravilhosa. Cada um dos pelos do urso é reproduzido. Os efeitos táteis mais surpreendentes (HUXLEY, 2009, p. 73).

Da mesma forma que em **Admirável mundo novo**, **A ilha**, romance publicado em 1962, projeta uma sociedade distópica com aparência utópica. A distopia é existente em Pala por se tratar de uma comunidade que vive uma falsa felicidade e possui diversos

conflitos, sendo esses conflitos em sua grande maioria motivados pelas diferentes ideologias religiosas e pelo desejo de conquistar o controle total da ilha.

O título dessa obra faz referência ao terreno em que o país fictício de Pala se situa. A narrativa descreve Pala como um local que possui hábitos diferenciados aos demais lugares do mundo. Dentre os hábitos está o de utilizar uma substância química que recebe o nome de *Moskha*. Essa substância possui o efeito de uma droga alucinógena. O *Moksha* contribui a reiterar a ilusão de felicidade, pois seu efeito cria um conforto nos indivíduos e projeta um mundo paralelo onde tudo está perfeito.

O uso dessa substância é motivado pelos que possuem o poder em Pala. Os indivíduos começam a usá-la quando entram na fase da adolescência por meio de um ritual de iniciação:

Esse ensinamento é iniciado na adolescência, paralelamente com o curso elementar adiantado. – Começa com a primeira experiência com o moksha? – Sim. Cheguei até a vê-lo em ação. – O Dr. Robert levou-o para assistir à ‘iniciação’ de ontem – explicou a diretora, – Devo dizer que fiquei impressionado – acrescentou Will. – Quando me lembro da minha educação religiosa... – Deixou a frase intencionalmente inacabada. – Como ia dizendo, os adolescentes recebem os dois tipos de educação (HUXLEY, 1971, p. 257).

A intenção do incentivo do uso dessa substância ocorre por ela auxiliar na manutenção do equilíbrio social. Por as pessoas desfrutarem de uma substância que as tornam felizes, esse fato faz com que se amenizem os conflitos sociais. Com isso, o *Moksha* é um elemento importante para criar uma aparência utópica para essa sociedade. Essa droga possui um efeito alucinógeno, agindo de forma com que as pessoas que a utilizam vivenciem sensações que não são comuns em seu dia a dia:

Uma provação marca o fim da infância e o ingresso na adolescência – explicou o Dr. Robert – Uma provação que os ajudará a compreender o mundo onde têm de viver e que os fará sentir a onipresença da morte e a precariedade fundamental de toda a existência. À provação segue-se a revelação. Dentro de alguns minutos esses rapazes e mocinhas terão a sua primeira experiência com o moksha [...] Graças ao moksha, foi incluído uma experiência da ‘coisa’ real – A ‘coisa’ real? – perguntou Will meneando a cabeça. – Gostaria de acreditar que isso existe. – Ninguém está lhe pedindo para acreditar – disse o Dr. Robert. A ‘coisa’ real não é proposição. É um modo de ser (HUXLEY, 1971, p. 203).

Nesse contexto, percebe-se, novamente, uma relação com o *LSD-25*. O *Moksha*, assim como o *LSD-25*, atua como um intensificador de percepções e um gerador de

visões.

Sobre as sociedades de **Admirável mundo novo** como em **A ilha**, verifica-se que, assim como na sociedade moderna, há uma auto-alienação. O Soma, o cinema sensível e *Moksha* são mecanismos utilizados para criar essa alienação. Os indivíduos são influenciados a utilizarem essas substâncias para, assim, serem mais facilmente manipuláveis.

4 CONCLUSÃO

Após a análise dessas duas obras, evidencia-se que Aldous Huxley procurou transpor em seus romances um dos principais aspectos da modernidade, que é o do uso de substâncias narcóticas. Com base nos relatos de Walter Benjamin, verificou-se que o uso de substâncias é algo comum na modernidade. Mediante isso, verifica-se que, ao Huxley inserir tanto em **Admirável mundo novo** como em **A ilha** indivíduos dependentes de substâncias narcóticas, ele está fazendo uma arguição sobre o que vinha ocorrendo durante a modernidade.

Ao igualar, em seu ensaio, o Soma com o ópio, Huxley está contextualizando em sua obra o fato do ópio estar sendo utilizado de forma rotineira em nossa sociedade, visto que, como Buck-Morss (1996) expôs, o ópio era a principal droga desse período. Isso também se sucede ao ser colocado o Soma e *Moksha* com os mesmos efeitos do *LSD-25*.

Tolstoy (1981, p. 76), em um de seus textos com abordagens históricas, relata que na Rússia bolchevista uma forma de aliviar a solidão e a tensão existente nesse período era por meio das drogas. Os narcóticos eram utilizados, principalmente, pelos funcionários do governo que, devido ao excesso de trabalho, não tinham outra forma de alívio a não ser pelo uso dessas substâncias.

Dessa forma, a escolha por inserir em seus romances o uso de narcóticos não faz alusão apenas à modernidade. Ela reflete acontecimentos históricos que estavam ocorrendo no período que essas obras foram escritas. Esse fato fica corroborado nos romances, em que as drogas também serviam de alívio à tensão vivida pelos indivíduos da sociedade. Em **Admirável mundo novo**, o uso da droga fica mais característico, pois a sociedade representada nesse romance tratava-se de uma nação totalitarista, assim

como a Rússia bolchevista. Além disso, o soma, além de aliviar a tensão e a solidão, é usado como forma de controle e manutenção social.

THE ANESTHETIC EXPERIENCES IN THE MODERNITY: a study of Aldous Huxley novels

ABSTRACT

*It is recurrent in studies of Walter Benjamin approach regarding anesthetic experiences. Benjamin exposes the subject in his studies by seeking to portray the anesthetic experiences are recurrent in modern times and they occur through the use of chemicals. Based on Benjamin, this study is to attempt to analyze works of a writer which works is included in modernity seeks to show how the issue of drug use is inserted into your text. The writer in question is Aldous Huxley. This article will through two moments. The first moment is dedicated to making a survey about Walter Benjamin's view of the anesthetic experiences and the second analyzes the works **Brave New World**, published in 1932, and **Island**, published in 1962, by Aldous Huxley.*

Key-words: Walter Benjamin. Aldous Huxley. Modernity.

REFERÊNCIA

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 3. ed. Brasiliense: São Paulo, 1987b. v. 1. p. 165-196.

BENJAMIN, W. Imagens do pensamento. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas II: rua de mão única**. 5. ed. Brasiliense: São Paulo, 1995. p. 143-277.

BENJAMIN, W. O surrealismo: o último instantâneo da inteligência européia. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 3. ed. Brasiliense: São Paulo, 1987a. v. 1. p. 21-35.

BACZKO, B. Utopia. In: ROMANO, R. **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: IN-CM, 1989. v. 5. p. 67-10.

BUCK-MORSS, S. Estética e anestésica: o “ensaio sobre a obra de arte” de Walter Benjamin reconsiderado. **Travessia – revista de literatura**, Florianópolis, n. 33, p. 11-41, ago./dez. 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/articloe/view/16568/15124>>. Acesso em: 24 nov. 2014.

ENCICLOPÉDIA Barsa. 10. ed. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1973. v. 13.

HUXLEY, A. **A ilha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

VELOSO JÚNIOR, C. M. As experiências anestésicas na modernidade: um estudo dos romances de Aldous Huxley. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 2, p. 121-131, dez. 2015.

HUXLEY, A. **Admirável mundo novo**. 2 ed. São Paulo: Globo, 2009.

HUXLEY, A. **Retorno ao admirável mundo novo**. São Paulo: Círculo do livro, 1959.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

TOLSTOY, N. **A guerra secreta de Stálin**. Tradução de Aulyde Rodrigues. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

Recebido em: 31 jul. 2015.

Avaliado em: 15 set. 2015.

Publicado em: 31 dez. 2015.

Como referenciar este artigo científico:

VELOSO JÚNIOR, Cláudio Marcos. As experiências anestésicas na modernidade: um estudo dos romances de Aldous Huxley. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 2, p. 121-131, dez. 2015.

VELOSO JÚNIOR, C. M. As experiências anestésicas na modernidade: um estudo dos romances de Aldous Huxley. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 2, p. 121-131, dez. 2015.